

João Marcos Leitão Santos\*

LAS BLANCAS VESTES  
DISSIDÊNCIA RELIGIOSA NA ESPANHA DO SÉCULO XVI:  
O PROTESTANTISMO

**Resumo:** Não são comuns investigações sobre a dissidência religiosa na Espanha do século XIX. Este trabalho pretende contribuir para esta temática.

A partir de uma narrativa de 1543, de Francisco Enzinas, o trabalho procurou apontar a presença do protestantismo em todos os estratos sociais do país, e não só entre a plebe, como usualmente se anuncia

**Palavras-Chave** Protestantismo, Espanha, Religião no século XVI

**Abstract:** They are not common inquiries on the religious disagreement in the Spain of century XIX. This work intends to contribute for this thematic. From a 1543 narrative, of Francisco Enzinas, the work looked for to point the presence of the protestantism in all the social stratus of the country, and not only between the common people, as usually it is announced

**Wordskey** Protestantism, Spain, Religion in century XVI

**Estão proibidos os pensamentos e os movimentos de espírito...  
Carlos V**

## Introdução

Na sua obra monumental em dez volumes sobre a história do cristianismo, ao tratar do protestantismo na Espanha afirmava Justo Gonzáles no início dos anos oitenta que esta história “ainda está por ser escrita”. (GONZALEZ, 1989, p. 202). Quem vinte e cinco anos depois abre o site do Centro de Estudos da Reforma/CER, na Espanha, vai encontrar a afirmação que a história do protestantismo espanhol “ainda está por ser escrita”. Por que não se conta a história do protestantismo espanhol?

Este problema tematiza estas reflexões<sup>1</sup>. É tese – quase - unânime que a vacuidade nesta face da história social da Espanha, se deveu em grande medida a ferocidade do aparelho

---

\* Doutor em História Social/USP. Mestre em Ciência Política/UFPE. Mestre em Teologia/STBNB. Do Centro de Estudos de História da Igreja na América Latina/CEHILA, Da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica/SBPH, da Associação Nacional de Pesquisadores em História da América Latina/ANPHLAC Professor na Universidade Federal Rural de Pernambuco – Recife. [tmejph@bol.com.br](mailto:tmejph@bol.com.br)

<sup>1</sup> O autor agradece a interlocução da Dr<sup>a</sup>. Ana Paula Torres Megiani/USP na construção deste trabalho.

inquisitorial estabelecido, obrigando a uma vivência religiosa clandestina para estes protestantes. As tradições sempre sugeriram que o protestantismo na Espanha atingiu aos estratos inferiores da sociedade, dada a sua ignorância em matéria religiosa, tese mais presente na historiografia católica (Cf. MARROU & DANIÈLOU, 1984). Tal tese não se sustenta como aqui se pretende demonstrar.

O esforço deste trabalho é justamente o de indicar que o protestantismo Espanhol esteve longe de ser uma questão episódica, tangencial, fruto de propagandistas “espertalhões entre uma população ignorante”. (Cf. LEONARD, 1967; MEHL, 1974). Para este fim se adotou como fonte uma historiografia memorialista, encontrada em Francisco Enzinas, escrita em 1543: *Memórias. História del estado de los Países Baixos e de la religion de Espãha*, dois volumes. Esta escolha se pretende justificar ao longo do trabalho.

A estrutura que adotamos para facilitar a compreensão do leitor foi a seguinte. Oferecemos uma biografia de Francisco Enzinas e suas atividades, para no segundo momento tratar do protestantismo em relação à Ordem política, oferecendo em seguida um perfil social deste protestantismo, e concluindo com a resposta havida pelo catolicismo e pelo Estado espanhol, nas ações inquisitoriais.

### **Considerações preliminares**

Não parece difícil imaginar que “o caráter nacional” espanhol se forjou como um povo guerreiro, face a sucessão de dominações a que foi submetido, e este belicismo se impunha em todas as práticas sociais, inclusive as relações religiosas. Na bibliografia disponível para um estudo sobre o protestantismo na Espanha há dois textos, um mais relevante, mas onde ambos pecam pela passionalidade, e acabam por produzir um material sem isenção: são os textos de Kramer e de Menendez Pelayo. Este é mais importante pela abrangência e detalhamento, já que se dedica à temática da heterodoxia de idéias na Espanha, mas esforça-se por justificar a inquisição. Kramer chega às raias do humor afirmando que a inquisição espanhola levou menos de uma dezena de protestantes à fogueira.<sup>2</sup>

Este ensaio é sobre a origem e presença do protestantismo espanhol nos séculos XVI e XVII, por isto, não vamos nos reportar Reforma Protestante em geral, senão quando

---

<sup>2</sup> No corpo deste trabalho as transcrições do espanhol foram traduzidas pelo autor deste artigo, considerando, sobretudo, que um contingente considerável de eventuais leitores deste texto não tem familiaridade com a língua espanhola, notadamente, quando a grafia obedecer aos séculos XVI e XVII.

pertinente a nossa discussão. Ademais, a discussão refere a uma investigação bibliográfica, que como dissemos, é reticente e restrita, aumentando o desafio proposto.

Para elaborar suas Memórias, Enzinas afirma

[...] estar agora em segurança é o que permite ao autor contar o que viveu pelo amor que tem ao Estado e a Igreja de Deus, o que não faz sem dor e lágrimas, pela conturbada condição do Estado (14).<sup>3</sup>

## Francisco Enzinas

A exigência de uma sumária apresentação de Francisco Enzinas está no fato de ser fonte primária, e relato de viagens nos domínios espanhóis<sup>4</sup>. Muito embora em vários momentos esteja descrevendo outras paragens e não “A Espanha”, estava dentro dos domínios espanhóis e a política geral, religiosa em particular era a mesma, donde as indicações que oferece são pertinentes.

Francisco Enzinas era natural de Burgos, (1520). Estudou dois anos sob a tutela de Luis Vives em Louvain quando se transferiu para Witemberg, em 1541, com cartas de apresentação para Lutero, assumindo o nome de Franciscus Dryander (encina em grego) Hispanus, hospedando-se na casa de Felipe Melanchthon.

Sob o influxo deste último dedicou-se a produzir uma versão castelhana do Novo Testamento com base no texto grego de Erasmo. Em função disto transferiu-se em seguida para Louvain em busca de um impressor. Não foi estimulado ali, e lhe disseram que seria acusado de heresia. Partiu então para Amberes com o mesmo fim. Em outubro de 1543 seu texto estava impresso.

Sabedor que o imperador passaria por Bruxelas, dirigiu-se para lá a fim de lhe oferecer o trabalho, contando com a mediação do bispo Francisco de Mendonza, diocesano de Jaén. O oferecimento foi satisfatório, seus efeitos não. A tradução texto foi entregue ao Imperador depois ao seu confessor, frei Pedro de Soto, este, acusando-o de luterano, amigo de luteranos, impressor do Novo Testamento, o encarcerou e sua edição foi requisitada e destruída.

Esteve mais de um ano preso em Bruxelas de onde fugiu. Sua primeira paragem foi com Melanchthon em Witemberg outra vez, onde escreveu suas *Memórias*, ciente que continuava procurado e sentenciado à morte, tendo seu irmão já sido queimado pela

---

<sup>3</sup> Para favorecer o leitor, os textos que representam citações do próprio Enzinas na fonte utilizada aparecem em *itálico*, seguido da página, salvo indicação em contrário.

<sup>4</sup> Não se deve ignorar que a monarquia espanhola era compósita.

Inquisição, Enzinas peregrina em vários pontos da Europa, lecionando na Inglaterra, e morre em Estrasburgo, em 1552, vitimado pela peste que assolou a cidade.

A ele se atribui como justificativa do esforço por traduzir a Escritura sagrada em espanhol, o seguinte comentário:

[...] nenhum poder humano está em condições de ir contra a publicação das Sagradas Escrituras; todos os demais povos da Europa gozam do privilégio de possuir a Bíblia em sua própria língua, e chamam os espanhóis de supersticiosos porque não têm chegado até este ponto [possuir a Escritura] e nenhuma lei real ou papal proíbe isto. E ainda que alguns qualificam de perigosa tais traduções em tempos heréticos, tenha-se em conta que as heresias não se originam da leitura da Bíblia, mas sim das perversas explicações de homens maus que torcem as Sagradas Escrituras para sua própria perdição. (In. CROSS, 1974, p. 171).

Sua biografia está associada a do seu irmão Jaime, que se converteu ao protestantismo<sup>5</sup> catequizado por Jorge Cassandro, Juan Diaz, que gozava certa reputação de teólogo<sup>6</sup> em Louvaina, e de quem foi discípulo, depois de fugir de Paris onde temia ser vítima de perseguição. Jaime foi para Genebra convivendo com Martin Kuhhorn (Bucero), de onde partiu para Nuremberg a fim de editar uma obra de Bucero. Juan Diaz foi assassinado por seu irmão, Alfonso, que não admitia protestantes na família, livrando-se da sanção legal pela intervenção do Papa.

Filhos de uma família nobre e rica os Enzinas tiveram a oportunidade de estudar fora da Espanha, onde as restrições intelectuais eram menores. Jaime foi para Paris, Francisco foi para Louvaina. Sob a influência do abade Pedro de Lerma, seu parente, aproximou-se do protestantismo. Apesar de uma instituição de confissão católica o protestantismo tinha deitado raízes na Universidade de Alcalá. Mas Francisco Enzinas foi para Witenberg. Segundo Stockwell era “acirrada a perseguição aos protestantes nos domínios espanhóis e nosso burguense parecia aos mais ortodoxos como alguém manchado pela heresia por seu convívio com os de Witenberg” (STOCWELL, 1951, p. 12).

Pela sua tradição familiar, e também contra esta, Francisco Enzinas levou adiante seu projeto de divulgação do Novo Testamento em espanhol, submetendo aos teólogos de Louvaina sua tradução. Contra as posições oponentes, alegava, como vimos, que não havia no Reino proibição daquela atividade, portanto buscou em Amberes a tipografia para sua edição.

Pouco antes de sua edição vir à luz, foi publicado um Editio Imperial de Carlos V proibindo genericamente “a circulação de exemplares impressos” desautorizados. Mas com a

---

<sup>5</sup> No corpo desse trabalho seguiremos o uso mais freqüente da literatura sobre o período que nomeia indistintamente protestantismo e luteranismo. Salvo indicação em contrário.

<sup>6</sup> Publicou *Chistianae religionis Summa, e Anotaciones teológicas* (perdido)

ajuda do bispo de Jena, que pertencia à corte do Imperador, e que “pediu que admitisse a dedicatória de Enzinas”, buscou o jovem e ousado tradutor o próprio Monarca a fim de lhe requerer a autorização e dedicar-lhe o texto, como ele descreve:

Então o Imperador voltou-se para mim e perguntou que livro era que o presenteava.

- Sacra majestade – respondi então – é aquela parte da Escritura Sagrada que chamamos Novo Testamento, traduzida por mim fielmente para a língua espanhola, na qual se acha descrita a história evangélica e com as epístolas dos apóstolos, de cujos trabalhos tenho ousado tomar a Vossa Majestade como tutora e defensora, rogando-lhe humildemente que pela aprovação e autoridade dela, seja tanto mais recomendável ao povo cristão.

Então ele me perguntou:

- é você o autor deste livro?

- Não Sacra Majestade – respondi – o autor é o Espírito Santo, por inspiração do qual os santos apóstolos hão dado estes santos oráculos para nossa saúde e redenção, a todo gênero humano, em língua grega. Quanto a mim, sou somente um pequeno e débil ministro que de sua primeira fonte o tem traduzido a nossa língua espanhola.

- Em castelhano? – disse ele.

- Sim, cara Majestade – lhe respondi – em nosso castelhano, obra da qual rogo queirais ser em Vossa clemência protetor e defensor.

- Será feito o que pedes – disse ele – contanto que não haja nada suspeito.

- O que pedes te será outorgado – disse ele – contanto que o livro seja conforme o bispo e tu dizes que é. (p. 99).

Na continuidade da narrativa informa que, havendo dito isto se recolheu à sala contígua, e arremata.

Então, certamente a duras penas pude eu evitar que me escapasse da boca algumas palavras mais livres [...] vendo a um príncipe tão grande ignorar totalmente o que é o evangelho de Deus, o Novo Testamento, as santas letras [...] a Palavra de Deus. (p. 100).

Enzinas reputa esta ignorância aos confessores e assessores em matéria religiosa. No dia seguinte, o bispo entregou um exemplar ao confessor do Imperador Pedro de Soto como ordenado, e sugeriu a Enzinas aguardar os resultados sem permanecer em Bruxelas, mas em Amberes. De posse do texto, o confessor manifestou plena satisfação. Mas Enzinas resolveu voltar a Bruxelas para ficar a disposição do confessor ou do Imperador. No encontro disse o frade Soto: Senhor Francisco muito agradeço o livro... é uma grande honra para a Espanha. (p. 104). E passou a ter encontros com Enzinas com certa regularidade. Porém, cedo Enzinas percebeu que essa amabilidade... tendia a alguma emboscada, e a descreve pormenorizadamente. (p. 116-118, 121)

Mas o Imperador, determinou a entrega do texto a frei Soto, e ao fim de uma série de peripécias, Enzinas desceu para o cárcere. Preso, narra sua epopéia e fuga da cadeia em

Bruxelas para Amberes e depois Witemberg em 1545, peregrinou por vastas extensões do império e onde havia movimentação protestante, Basileia, Zurique, S. Gall, Constanza, etc. trabalhou entre 1547-1548 a serviço do cardeal Du-Bellay<sup>7</sup> “homem de convicções evangélicas”.

Enzinas recebeu a visita de parentes vindos de Amberes, que o repreenderam pela imprudência e instaram com as autoridades pela sua libertação, a começar pelo próprio frade Soto. Diziam que não se podia oferecer este tratamento a quem se dedicava ao bem da cultura e da religião da Espanha. Inútil. Tudo se alegava ser feito em nome do imperador, que Enzinas dizia ser tão suave e clemente [para ser] acusado daquelas tiranias. (p. 151). Finalmente, dizia o secretário Granvella, que atendia requerimento, pedido e instâncias do Confessor do Imperador... (p. 151) para manter a prisão.

Seu estado de saúde o obrigou a voltar à França dois anos depois. De Estrasburgo foi a Genebra, em 1552, porque tinha a intenção de conhecer pessoalmente. Voltou a Estrasburgo onde morreu. Além da literatura religiosa, como literato deixou versões de Plutarco, Tucídides, Josefo e Tito Lívio, em 1551, “sem dúvida havia se proposto a formar uma coleção de clássicos latinos” (MENENDEZ PELAYO, 1956, p. 284, v. IV). Segundo Stockwell, “são raríssimos os exemplares do Novo Testamento de Enzimas”.

A importância do texto de Enzinas está no fato de oferecer uma hermenêutica social a partir de uma perspectiva religiosa. Os documentos que lançam seu olhar sobre a Espanha, em sua grande maioria seguem óticas políticas, culturais, econômicas, militares, e quando também optam por uma leitura de perspectiva religiosa, o fazem sob o ponto de vista da religião dominante, o catolicismo.

O depoimento escolhido é a perspectiva de uma minoria religiosa cristã, sob censura e repressão do Estado, que trazia ainda incluso em seus postulados os valores associados à modernidade nascente, (Cf. ZILLES, 1992) e no caso deste documento, com a vantagem que Enzinas não se restringiu ao território espanhol, antes em função de sua peregrinação, analisa os domínios espanhóis, notadamente dos Países Baixos, talvez a mais diversa culturalmente da tradição ibérica.

Isto significa afirmar que as Memórias é um documento sob pontos de vista vários, inovador, entre outros aspectos, como o depoimento de intelectual cujas credenciais podemos apontar aqui. Da versão francesa do texto de Enzimas se verifica na apresentação: “o autor

---

<sup>7</sup> Ao longo deste trabalho há nas fontes uma citação ampla de personagens diversas e dignitários da Igreja Católica Apostólica Romana. Para dados adicionais aos indicados neste trabalho, os interessados em informações concernentes a estes religiosos podem reportar-se à *Enciclopédia Católica*, em [www.encyclopediacatolica.com](http://www.encyclopediacatolica.com)

muito conhecido das gentes doudas, pela piedade manifesta em seus escritos, sua conversação e outros saberes”. Obra útil á propaganda religiosa quando se considera que “o martírio é o meio singular pelo qual progride o evangelho”. Coloca diante dos nossos olhos “nem mais nem menos’, porque não trata de coisas que ouviu, mas que viveu. Sua obra vem referendada pela sua pessoa de “renome entre a gente de bem”, e valorizada pelo amadurecimento do passar dos anos dos fatos e o amadurecimento do autor.

Também é importante porque permite, no dizer de Enzinas, conhecer como os grandes senhores tratam as questões de religião (p. 11). Para a produção da obra Francisco Enzinas possuía, portanto, autoridade, legitimidade, e experiência. Seu propósito, por ele mesmo anunciado era: julgar os poderosos e aderir à verdade.

Perpassa em toda a narrativa de Enzinas, que nem ele, nem a sua compreensão do protestantismo, visavam uma ação revolucionária, subversiva. É devoto do seu Estado, *afeiçoado a república*, mas reprova sua política religiosa repressiva, mapeia o conturbado estado da república, a condição do Estado, e refere-se especificamente a prática jurídica viciada, na qual o confisco patrimonial dos dissidentes é a regra, como ainda veremos. Afirma: Eu penso, pois, que a missão do homem de bem é... o **cuidado especial com os riscos e perigos do público** [da coisa pública] e não menosprezar tampouco demasiado inconsideradamente os seus próprios e particulares. (p. 14)

Move a Enzinas a convicção do muito proveito que tem a sua denúncia, relatada por escrito e publicada, do que se passa na Espanha, nos Países Baixos em particular, quer tornar pública internacionalmente a política religiosa da Coroa espanhola, e faze-lo de forma eficiente. A chegada de Enzinas a Bruxelas era conhecida previamente, e sobre ele pesavam suspeitas de luteranismo, e sua periculosidade, por haver “bebido na fonte” do maior heresiarca, a Alemanha de Lutero, sob a tutela do “mentor teológico da reforma luterana, Felipe Melanchton”, (D’AUBIGINÈ, sd., 112) o que levou velhos companheiros a fugir de contatos com o visitante.

Na Espanha seissentista não era diferente, que num ambiente referenciado em uma axiologia religiosa, as sanções religiosas se faziam acompanhar de sanções sociais, e que estas, muitas vezes tinham maior poder de coerção do que a ameaça eclesiástica. Não raro eram obrigados a seguir descalços e sem outra coisa que uma camisa, receber o sacramento nos dias santos e domingos durante um ano. Era essa a Louvaina do século XVI.

Não interessa à tese considerada neste trabalho as crueldades e os arbítrios do judiciário inquisidor, ou iniciativas particulares que se sobrepunham à lei, mas o fato que as punições aumentavam em número, o que nos faz concluir que crescia também o número dos

que aderiam a nova crença, **em todas as esferas sociais**, daí o endurecimento das leis para que servissem de exemplo desestimulando outras adesões, o que parece não ter alcançado muito sucesso, porque, afirma Gonzalez que “... apesar disso, até o fim deste século a inquisição foi obrigada a continuar buscando e condenando os que persistiam em suas convicções protestantes” (GONZALEZ, op. cit., p. 211). Aos que abjurassem: a “misericórdia” de serem decapitados. Poupados da fogueira.

Então se quer caracterizar neste texto, que o protestantismo espanhol não se restringiu as classes subalternas, mas que penetrou nos estratos sociais superiores. Cita Enzinas o caso de D. Antonieta que pertencia a quase mais honrada e importante família da cidade... com setenta anos.. aficionada a ler e meditar a Santas Escrituras...(p. 56) estava sob condenação por afirmar que dava mas fé as verdades eternas de Deus contidas na Santa Escrituras que as invenções e tradições dos homens (os dogmas).

Mas o que mais animava os acusadores contra este jovencito de .... audácia inaudita... carregado de saber... era sua passagem por Witemberg com Melanchtton. Dizia nosso autor não saber sobre o que conversaram seus inquisidores porque fizeram isso por mais de dois anos. Interpelado sobre os livros de Melanchtton, respondeu que não lera todos, por isso não era capaz de emitir juízo acurado. Mas demarcou sua posição: o que chamais luterano... eu chamo cristão. (p. 90).

As acusações, as alegadas<sup>8</sup>, nosso autor respondia não constituírem crime, como não o era ter estado na Alemanha, porque lá também esteve o Imperador e muitos dos príncipes. Disse ao frade Soto, quando as discordâncias e as hostilidades já estavam abertas, que não criasse problemas para a divulgação do livro já autorizado pelo Imperador, apenas desse a sua opinião na questão fidelidade ou não da tradução dos originais gregos.

## **O cenário de idéias na Espanha do século XVI**

É importante não isolar o problema protestante. Em 1525 envolveu-se a sociedade espanhola no debate sobre idéias heterodoxas que pululavam no restante da Europa, e que na Espanha envolvia a questão mourisca, judaizante e dos alumbrados. Navarra lidava com suas “bruxas” havia um catolicismo heterodoxo, no mesmo ciclo, dois anos depois a Conferência de Valladolid sobre a ortodoxia de Erasmo.

---

<sup>8</sup> Eram sete as principais acusações contra Enzinas: suspeição de luteranismo, conversado com hereges, falado com Melanchton, impressão do Novo Testamento, outras obras, posse de literatura heterodoxa, [estas práticas] são contrárias as leis imperiais. (Enzinas, 1543, p. 133 v II).

A eclosão do movimento de Reforma Protestante na Alemanha, re-configurou as iniciativas intra-reformadoras da Espanha, e esta cedo fez questão de afirmar a sua condição não-protestante, sua reforma ganha o caráter, de contra-reforma. Os inimigos tinham nome, e a eles se daria um rosto: protestantismo ou luteranismo e o erasmismo, ou o livre pensar. O destino de muitos foi inevitavelmente o exílio.

Os primeiros indícios de dissidência religiosa foram entendidos como uma reorientação ideológica da política religiosa, que já permeava a Espanha desde as reformas isabelinas e do Cardeal Cisneros. Mas a questão política se impunha com contundência. Efetivamente o partido erasmista que se apoiava no inquisidor-geral Alonso Manrique, estava na base do isabelismo filipista.

Isabel, que não tinha nenhuma intenção de aproximar-se do protestantismo, ao determinar a reforma do Cardeal Ximenes de Cisneiros, deixou evidente que a Igreja demandava mudanças. O outro setor gravitava em torno do secretário real Francisco de Cobos, representando o grupo ortodoxo, herdeiros da tradição fernandista. Portanto, a religião e a idéias na corte representavam esferas de influência a serem mantidas ou conquistadas. Os fernandistas defendiam um catolicismo tradicional, contra uma religião intimista, subjetiva e voluntária dos felipistas. Essa rivalidade ocupava todos os espaços da política cortesã, e era essencial a conquista do Santo Ofício, porque este representava o controle do instrumento repressivo do Estado, muitas vezes usado politicamente, e não só como barômetro da ortodoxia religiosa.<sup>9</sup>

Os primeiros objetos da inquisição religiosa eram margeados pelo novo fenômeno. Judeus e mouros, não são mais o foco, prioritário. Se o exílio voluntário alcançou a muitos sob Carlos V, já sob Felipe II o protestantismo era realidade dentro da Espanha e a reação recrudesciu. Quanto aos alumbrados<sup>10</sup> o controle era mais fácil, mais cedo perceberam os inquisidores que eles estavam mais próximos do erasmismo. Os alumbrados estavam sob

---

<sup>9</sup> Então, apesar da nomeação de Manrique, em 1523, como Inquisidor-Geral, função antes ocupada pelo Cardeal Adriano, agora Papa, os fernandistas controlavam a Inquisição na Espanha, e impuseram sua ideologia ortodoxa com forte campanha repressiva, sendo os “conversos” e os alumbrados os primeiros alvos, e os mouros em seguida, sendo que em 1529 a autoridade de Manrique estava completamente minada, e foi a vez dos erasmistas imporem-se sob incentivo do secretário los Cobos, contra os que defendiam uma inquisição moderada, como observaremos na última seção deste ensaio.

<sup>10</sup> Os alumbrados da Espanha pertencem a tendência aos expectadores e propugnadores de de Nova Ordem Mundial, como registrado em documentos de 1492, nomeados também segundo Menéndez y Pelayo *iluminados*, em documentos de 1498. Pelayo ligou-os a uma origem gnóstica, e julgou que seus ensinamentos eram promovidos na Espanha por influências vindas da Itália. Outras informações em Menéndez y Pelayo *Los Heterodoxos Españoles*.

controle. O próprio inquisidor geral Alonso Manrique e o arcebispo de Toledo, Alonso Fonseca, eram simpatizantes.

Não esqueçamos que parte da reação anti-Erasmo era etnofóbica. Estavam os espanhóis sob um soberano estrangeiro e viam sua sociedade abraçando as teses de outro estrangeiro, como por exemplo, se deu na revolta dos comuneros. Erasmo era o símbolo de um novo saber cosmopolita. Mas, apesar de toda a ação repressiva imposta pela política religiosa de Carlos V, este tinha sabida simpatia pelo humanismo erasmiano, partilhada por muitos cortesãos e conselheiros, inclusive Alfonso de Valdez, que acompanhou o Imperador na Dieta de Worms. (Cf. STTOL, 1973; SENARCLENS, 1970).

O inquisidor Manrique até que tentou favorecer o erasmismo, convocando a Assembléia de Valladolid, que nada decidiu pela ortodoxia ou heterodoxia de Erasmo. A campanha de esvaziamento do erasmismo teve êxito com a condenação de Vergara, com base em pretensa associação com o luteranismo. Os que conseguiram, fugiram da Espanha. A criação dos tribunais de inquisição indicava o caminho único que restava a Espanha no plano das idéias: a imposição da ortodoxia. “Um homem podia ser suspeito tanto por sua raça, como por sua religião” (ELLIOTT, 2005, p. 236).

Nesta ambiência intelectual, se por um lado eram práticas estabelecidas a quebra de prazos processuais. Dos ritos a infâmia como dano hereditário e familiar, com a ruína social e financeira decorrentes, o confisco, além da tortura e da fogueira, a Inquisição não foi um fenômeno exclusivamente espanhol. É notório também que um clima de suspeita e restrição estimulado, agiu contra o desenvolvimento intelectual espanhol. Poucos escreviam, temiam em publicar, os que publicavam as vezes eram punidos. Esta afirmativa não possui caráter excludente no sentido de sugerir que a Espanha esteve alheia ao desenvolvimento intelectual, sobretudo, naquilo que já se falou de uma literatura de contra-reforma – não só teológica.

Neste ponto vale a citação de Fritz Strich ao comentar a influência espanhola na cultura alemã: “Mas tem-se como certo que, tal como a renascença proveio da Itália, a Espanha foi o berço do barroco, que de lá se espalhou pela Europa, o que não quer dizer que o barroco tenha sido um estilo com características nacionais espanholas”. (STRICH, In: BERIGER, 1971, p. 163). A outra face da epopéia protestante, a do fazer prosélitos, foi paradoxalmente a produção de literatura.

Quanto a política de censura mencionada, sugere que a Inquisição apenas tratou de “purificar a literatura espanhola, mediante a eliminação das obras inferiores e o estudo a

fundo dos livros religiosos” (KAMEN, 1983, p. 301) (grifo nosso), e Kamen a delirar<sup>11</sup>, afirmando que “o index não estava destinado unicamente a ser uma defesa contra o protestantismo, mas sim um instrumento de controle literário”, (Id., p. 301), concluindo “em conseqüência o index não era repressivo” (Id., p. 303).

Em 1521, na ausência do Imperador o Papa mandou aos governadores um Brevê prevenindo contra as obras de Lutero, quando se passou a ter maior vigilância alfandegária com a circulação de livros. O Cardeal Adriano, depois Papa, mandou dobrar a vigilância nas fronteiras, e a queima de cargas de livros estrangeiros passou a ser regra, assim como o inventário.<sup>12</sup>

O índice romano não se aplicava na Espanha, por isso Valdés publicou o índice espanhol em 1559, com maior severidade que o romano, determinando inspeção regular em todas as bibliotecas públicas e privadas, e o registro do acervo circulante na Espanha.

### **Um perfil social do protestantismo**

Kamen atribui a Inquisição na Espanha um caráter “didático” e quando se refere aos “dados limitados dos documentos da inquisição” afirma que eles

[...] tendem a sugerir que se teve certo êxito em mudar a percepção da religião católica que tinha o povo espanhol. Em meados do século XVI uma parte dos cristãos velhos (nada menos que dois terços dos interrogados pela Inquisição em Toledo) não conheciam o credo nem outras orações básicas da Igreja; no fim do século XVII essa ignorância era inapreciável. (KAMEN, op. cit, p. 299).

É importante verificar os vários depoimentos que revelam certa dualidade na composição social do protestantismo espanhol, que ora preocupou a inquisição pela sua incidência entre a “plebe” o que trazia risco de desestabilização social, ao mesmo tempo diz Bejarano que “uma parte muito grande dos arrestados pertenciam ao elemento intelectual da população”. Explicado em parte, pela associação feita entre erasmismo e luteranismo.

---

<sup>11</sup> Confirma-se por exemplo PELAYO, Marcelino Menendes. *História de los Heterodoxos españoles*.

<sup>12</sup> É muito copiosa documentação que se conserva no dossiê inquisitorial sobre um escritor conhecido e de muita fama, também de procedência protestante: Juan Teófilo Heinecio, o famoso jurisconsulto alemão. Na Inquisição se apreciava adequadamente sua cultura, interessando mais na possibilidade de editar-se seus livros, erros e horrores e inconveniências... na inquisição do México se havia censurado quase a totalidade das suas obras... Doutrinas tão perigosas influíram para que a inquisição avisasse a todos os seus distritos para se tivesse atento a qualquer delação ou expediente tocante às obras do autor. Em Granada, Valladolid, las Canárias, Toledo, Murcia, Llerena, Córdoba e Santiago se faziam eco desta preocupação, escrevendo ao Conselho pelo ano de 1777. (LLORRENTE, 1958, p. 67, 68).

## **Um protestantismo popular**

A cidade de Aachen no vale prussiano conservava viva tradição religiosa por alojar ali relíquias místicas desde o período de Carlos Magno. Ali, já se encontra Albrecht von Muennster “o primeiro pregador do protestantismo no ano de 1524” que foi depois executado acusado de crimes comuns, não associados à religião. Aachen estabeleceu logo uma comunidade protestante, que “gradualmente obteve grande força” e provocou o levante de 1582, levando a eleição de um burgomestre protestante, constituindo-se numa forma de “desafio ao Imperador” por vários anos (Cf. JEDIN, 1972). Em 1597 lhe foi imposta à fé católica, treze anos mais tarde os protestantes provocaram novo levante em favor da liberdade religiosa, esmagado em 1612.

Enzinas considerava os seus inquisidores inconstantes homens que não têm virtude, e afirma: firmei dentro de mim, que devia evitar o furor dos tiranos, (p. 23), não se expondo além do necessário. Lá em Bruxelas, não reinava confusão menor do que em Louvaina. As prisões se multiplicavam, os confiscos e outras sanções, e havia uma “lista” com trezentos nomes a serem detidos nos próximos dias, atingindo as cidades de Fladres e Barbante. Mesmo com parentes em Amberes, Enzinas resolveu incontinenti voltar para Louvaina, e completa: todos me desaconselhavam a apresentar-me em público, mas contra a opinião de todos me dirigi aos nossos espanhóis... meus parentes e antigos amigos... (p. 24).

Um episódio narrado por Enzinas é fundamental sobre o protestantismo nos seguimentos populares. Demonstra que mesmo os populares que não aderiam ao novo credo, mantinham simpatia, ou no mínimo tolerância. É o caso de Gilles que nosso autor conhece na prisão e se torna o seu interlocutor em questões de fé. Gilles era um filantropo, dedicado à causa dos pobres. No período da peste vendeu todos os seus bens para socorrer os miseráveis da cidade, o que lhe trouxe ampla simpatia nos estratos inferiores. Por questões pessoais Gilles foi denunciado à inquisição pelo cura local e preso. Quando se soube que Gilles fora transferido de prisão acudiu grande multidão dos habitantes para vê-lo e os principais da cidade lhe enviaram todas as suas necessidades.

Quando foi condenado à morte Enzinas tentou que não aceitasse as provocações mas sua indignação contra as declarações que considerava ofensivas a Deus não ficava sem resposta. Gilles, ansiava ser martirizado, a quebra das ligaduras do corpo e a companhia da majestade eterna, dizia. Em 25 de janeiro foi condenado à morte. Contrariando a praxe inquisitorial-judicial, não se fez anúncio público apresentando o prisioneiro, porque temiam que se o levassem ao lugar de costume, para ler a sentença, os cidadãos o libertassem pela força. (p. 119).

Outro personagem foi Juan Valdés. Estudou na universidade capitulense, dedicando-se a línguas clássicas e a literatura, e foi pela mediação de Alfonso que se encontrou com Erasmo. Era então, ainda, erasmista, não luterano, senão “por alcunha dos seus inimigos”.<sup>13</sup> Somente em 1531, em Roma, parece ter aderido ao protestantismo, “cujas doutrinas não eram bem conhecidas na Espanha”. Organizou uma pequena comunidade entre populares para estudar textos luteranos, que tornou-se uma congregação que no ápice reunia até três mil pessoas.<sup>14</sup> Místico, Valdés sofreu dúvidas quanto a sua ortodoxia.

Estes aspectos, da mobilização popular, e de comunidades que reuniam os contingentes atribuídos ao grupo de Valdez, mostra a penetração do protestantismo nos estratos inferiores da sociedade espanhola. Era notoriamente impossível que esta reunião se desse somente com a “fina estirpe espanhola”. É a tese que apontamos que o protestantismo já estava arraigado na Espanha, e além da “população”, fazia prosélitos e simpatizantes nos estratos superiores.

### **Um protestantismo letrado**

Os focos principais do protestantismo espanhol foram identificados em Sevilha e Valladolid, em Sevilha. Um dos primeiros foi um militar que combateu com o Imperador, e em suas andanças tomou contato com as idéias dissidentes, era Augustin de Cazalla. Ele teve a mãe D. Leonor de Viveiros e as irmãs conversas ao luteranismo. Com elas outras damas de prestígio na sociedade de então: Francisca Zuñiga, a família Rojas, D. Ana Henriques filha do Marquês de Alcañices, algumas monjas do mosteiro de Belém. O importante é reafirmar que o protestantismo progressivamente foi inserindo-se nos diversos estratos sociais da sociedade espanhola.

Em Valladolid as reuniões eram na casa de D. Leonor e era freqüentada inclusive por alguns professos do catolicismo, por populares e não só pelas elites, o que obviamente tornava o grupo protestante muito mais vulnerável a ser descoberto pela Inquisição. Afinal, foi o que aconteceu. Preocupada com a freqüência do seu marido àquelas reuniões secretas “contrárias à religião”, a esposa de um congregado levou ao seu confessor o que acontecia. Como esse não deu importância devida, a mulher denunciou tudo ao Inquisidor geral em Valladolid.

---

<sup>13</sup> Publicou em louvor a Carlos V *El diálogo de Mercurio y Carón. (1528)*.

<sup>14</sup> Nesta fase escreveu *Alfabeto Cristiano; Comentario a las epístolas de S. Paulo* e principalmente *Ciento e dez consideraciones divinas*, considerado o melhor reflexo de seu pensamento..

Este se preparava para prender a todos, quando o Bispo de Zamorra prendeu um propagandista, Cristóbal de Padilla, delatado como herege. Esta antecipação terminou por chamar a atenção dos protestantes, permitindo a dispersão e os que não conseguiram caísem sob a Inquisição, que mandou fechar as fronteiras.

A morte do Imperador, em 1558, não lhe facultou ver o destino dos protestantes, no primeiro auto de fé em de maio de 1559. Foram sete destinados à fogueira. Cazallas e outros dez abjuraram e foram presos e não queimados, quatorze degradados e condenados a prisão perpétua. A ação inquisitorial era tão incisiva, que a mãe de Cazallas, D. Leonor, já morta, foi exumada para que seus ossos fossem queimados, Os demais autos de fé foram análogos.

Em Sevilha já chamada “capital intelectual da Espanha”, estando entre as cidades mais populosas do continente no século XVI, tinha uma próspera indústria e treze mil operários, além de manter quase totalmente o monopólio comercial americano. Ali estava, a primeira imprensa, biblioteca, a Academia Pacheco, o Colégio Maior e a Universidade hispanlense. Esta ambiência explica o problema religioso em Sevilha, porque onde se pensa e se trabalha, é mais fácil a movimentação das idéias, ortodoxia e dissidência duelam com mais veemência.

Foi em Sevilha que D. Rodrigo Valdez, teve contato e leu partes das Escrituras, convencendo-se do seu valor, e passou a ter sobre o tema religioso idéias similares aos luteranos. Preso foi liberado porque foi considerado louco, tendo parte dos bens confiscados. Mas Valdez continuou suas práticas e foi preso outra vez em 1545, sendo obrigado a retratar-se. Condenado ao cárcere num convento e assistir missa dominical perpetuamente, o exotismo de Valdez fazia com que ele interrompesse as homilias nas missas para lhe contradizer a doutrina exposta pelo pregador. Foi recolhido ao cárcere sem mais ir à missa.

Mas as pregações de Valdez, atraíram Juan Gil, conhecido como Dr. Egídio, membro do cabido da Catedral, passando ambos a discutir as questões teológica. Preso Valdez, Juan Gil tomou como interlocutor o Dr. Constantino de Fuente, outro interessado na literatura protestante. Egídio.<sup>15</sup>

Quase ao mesmo tempo da morte de Juan Gil, Constantino voltou a Sevilha, foi eleito para a cátedra que Juan Gil deixara vaga no cabido da Catedral, dedicando-se a pregação da

---

<sup>15</sup> A pena de Juan Gil foi severa, e até hoje está aberta a discussão sobre a sua possível retratação. Um ano de cadeia, jejuar todas as sextas-feiras, confissão mensal, proibido de deixar a Espanha, proibido de pregar, rezar missa por um ano e participar de qualquer ato público por dez anos. O fato é que Juan Gil seguiu tão luterano quanto antes das penas e manteve seus contatos com outros membros em Valladolid, o que levou a adesão do Dr. Juan Perez Piñeda, reitor do Colégio da Doutrina de Sevilha, que depois migrou para a França onde ficou sob a proteção da princesa calvinista de Ferrara, falecendo em Paris.

doutrina luterana, que pela ignorância geral do seu conteúdo na Espanha, tornava fácil diluí-la na ortodoxia. Mesmo assim foi denunciado a Inquisição.

Outra vez, os incidentes da história. Com receio de ser descoberto, Constantino guardou todos os seus livros e escritos na casa de uma senhora de sua confiança. Durante uma revista o filho da mulher assustado, derrubou a estante que escondia o material. Constantino foi preso morreu na prisão. Entretanto a propaganda protestante continuou na Espanha com os discípulos de Valdés e Egídio entre outros, **mulheres, nobres, frades “e até um monastério inteiro”** aderiram a Reforma. Este grupo conseguiu viver doze anos até ser descoberto pela Inquisição.

Grave foi a perplexidade da Inquisição ao descobrir as dimensões da atividade protestante. D. Ponce de la Fuente, D. Cristobal de Lousada, médico, Fernando de São João, reitor do Colégio da Doutrina, D. Juan Gonzaga, muitas damas da corte, inclusive monjas, Juan Gonzalez, Cipriano Varela, Antonio del Corro, etc. O número de processados chegou a oitocentas pessoas, e **“dezenas da fina estirpe espanhola”** foi a fogueira no auto de fé de setembro de 1559.

Uma referência sumária demonstra que estes quadros intelectuais que aderiram ao protestantismo na Espanha, vinham da religião católica, quase todos com posição de destaque. Juan de Valdez, como vimos, era um erasmista. Seus primeiros anos são obscuros. Estudou em Alcalá e em 1528 travava correspondência regular com Erasmo. Foi denunciado a Inquisição no ano seguinte com o surgimento do livro Diálogo de Doutrina Cristã, razão porque fugiu e refugiou-se na Itália, tendo inclusive trabalhado na corte do Papa Clemente VII.

A Inquisição o perseguiu mais por suas idéias erasmistas, e por traduções de trechos da Escritura que produziu. Juan de Valdez nunca chegou a ser protestante, embora lhe fosse simpático, portando-se como certo hibridismo entre o humanismo, o luteranismo e o catolicismo. Mas é a Valdez que se atribui à entrada do protestantismo na Itália.

O seu irmão Alfonso de Valdez tinha um perfil parecido. Estudante de Alcalá, erasmista, foi secretário de Carlos V. Foi objeto de monitoramento inquisitorial pelas críticas que fazia a má conduta do clero, ao extremismo religioso, e a intolerância.

Constantino Ponce de la Fuente tinha provável ascendência hebréia. graduou-se na Universidade em Alcalá. Foi ordenado presbítero, licenciado em teologia e pregador da catedral em Sevilha, onde cedo se celebrizou. Foi capelão da corte de Carlos V até a sua abdicação em 1548. Durante dez anos foi canonista magisterial até ser acusado de luteranismo. Já tivera seus livros confiscados e queimados, desde seus versos enquanto estudante até as obras da maturidade, todos inclusos no Index (1559). Finalmente, foi preso, e

encarcerado, morreu como resultado dos maus tratos. Sevilha acabou por atrair parte importante dos teólogos da cidade, entre eles Juan Gil, Cipriano Valera, Casiodoro de Reina, Juan Perez de Piñeda.

Casiodoro de Reina, ganhou notoriedade no protestantismo espanhol, assim como Cipriano Varela, como tradutor da primeira versão da Bíblia para o espanhol. Monge da ordem de São Isidoro do Campo, em Sevilha, foi cedo perseguido pela inquisição pela distribuição de literatura clandestina que promovia, sobretudo, a versão do Novo Testamento de Pérez Piñeda. Fugiu com outros monges para Genebra em 1557.<sup>16</sup> Suas obras foram indexadas, e declarado hereje. Foi para a Inglaterra de onde partiu para Amsterdã até 1585. Em 1564 sua versão da Bíblia foi impressa.<sup>17</sup>

Juan Perez Piñeda, era encarregado de negócios do Imperador Carlos V, e fez parte do Colégio da Doutrina de Sevilha. Convertido ao protestantismo por influência de Juan Gil, Cipriano Valera, Casiodoro de Reina, e Ponce de la Fuente, fugiu de Sevilha com os monges após a prisão de Juan Gil em 1551 indo para Genebra de onde dedicou-se ao contrabando de literatura religiosa em espanhol. Enviou para o Imperador Felipe II um texto sobre os males da Nação e o abuso da Inquisição em 1557, à qual não deu importância o monarca. Morreu em 1567 como capelão da duquesa Renata, de Ferrara.

Sevilhano de Valera, Cipriano de Valera abandonou o catolicismo migrando para a Inglaterra onde foi professor em Oxford e dedicou-se a tradução da Bíblia que seria a versão espanhola mais popular, em uso até os dias de hoje, numa revisão da versão de Casiodoro de Reina, imprimindo-a na Holanda vinte anos depois. Começou a vida como frade em São Jerônimo do Campo, em Sevilha, de onde fugiu antes da perseguição de 1555, tinha sólida formação humanista e “foi o mais diligente e prolífico de todos os escritores que aderiram à causa reformada”. (VILA, 1977, p. 87).

Escreveu obras fundamentais da reforma protestante (Cf. SALAVDOR, 1962), nas quais apresentava as teses fundamentais da reforma, e condenou a superstição em voga no seu tempo, apelando em favor da tolerância dos que “abraçavam a verdade”. Traduziu as

---

<sup>16</sup> Mas de Reina tornou-se um dissidente, porque não aprovou a teocracia de Calvino em Genebra, muito menos a condenação de Servetos, e reagiu a restrição que era imposta a quem dissertasse das idéias do líder genebrino. É sua a tradução secreta do livro de Sebastião Castellion, que condena a perseguição dos hereges, considerada incompatível com o cristianismo. Por estas razões entrou em desentendimento com Calvino, mudando-se para Frankfurt, defendendo a legitimidade da fé anabatista dos pacifistas do movimento.

<sup>17</sup> É de sua autoria também, sob o pseudônimo de Reginalus Gonsalvius Montanus *Algunas artes de la Santa Inquisicion espanhola*, primeira obra contra a Inquisição, publicada em Heidelberg em 1567. Morreu em 1594 em Frankfurt para onde retornara de Amsterdã.

Institutas da Religião Cristã, de João Calvino, e obras de consolo aos perseguidos e de propaganda da Reforma.

Juan de Vergara representava com seu irmão Francisco o pensamento humanista na Espanha. Egressos de uma família judia convertida, foi um dos eruditos que produziram a Bíblia Poliglota de Alcalá, patrocinada pelo Cardeal Cisneros. Foi secretário e sucessor do bispo de Toledo, Alfonso Fonseca, e não há indícios robustos de adesão ao protestantismo, somente não lhe fazia oposição. Toda a perseguição que sofreu pela Inquisição foi pela sua aproximação com o erasmismo, acusado de luterano e alumbrado, sendo liberto somente quatorze anos depois, expropriado dos bens e arruinado na carreira.

Quando foi interrogado, Enzinas reconheceu entre os seus argüidores quase todos os principais do conselho privado do Imperador. De início não foram além de sua origem, filiação, idade, e comenta Enzinas, tudo o que já sabiam. Perspicaz, sabendo que procuravam do que acusá-lo Enzinas pediu para responder as perguntas em latim ou espanhol, para que o francês, se usado imprecisamente não desse lugar a ambigüidades. Foi atendido.

O segundo volume das Memórias é dedicado em sua maior parte a sua vida no cárcere e ao destino de outros protestantes. Apesar da condição de apenado recebia grandes grupos de simpatizantes e neófitos protestantes, e chegou a falar em quatrocentos, ente os quais alguns de qualidade (p. 8, II), em busca de instrução religiosa, por isso considerava que a sua desgraça era proveitosa a alguns, e afirma: me informaram que havia na cidade mais de sete mil almas que conheciam os abusos... e aderiram a pura doutrina do evangelho (p. 8, II).

Enzinas dá um testemunho definitivo sobre este ponto, que apesar da sua extensão, justifica a citação aqui:

Entre os que naquele tempo vieram me ver, vieram dois que eu nunca imaginei: dois gentis **homens da corte**, um espanhol e outro borgonhês, ambos desconhecidos para mim, pois nunca os havia visto antes. Mas segundo o que pude descobrir de suas conversas, eram muito honrados, muito entendidos em muitas coisas, mais sábios que os comuns dos sábios e amantes da verdadeira religião. O espanhol, pois, falou primeiro, em língua espanhola, que seu companheiro entendia muito bem:

Monsenhor Francisco: ainda não nos temos conhecido antes, nem sequer nos avistado, que nos recordemos, todavia, temos ouvido falar de sua virtude e conhecimento, e conhecido, eu pessoalmente, sua linhagem e sua família e muito mais por vós mesmo faz muito tempo que o amamos e queremos agrada-lo. E a minha confiança que se pudermos levar adiante nossos bons desejos em algum lugar de maior liberdade, conhecerias por experiência quanto queríamos fazer por vós. E agora mesmo estando as coisas em um estado tão calamitoso, não vemos grande esperança nem de privacidade, nem de livre companhia; assim é que temos vindo sinceramente para oferecer de todo coração, nossas pessoas e nossos bens, assim como para uma recreação e boa conversa e um pouco de companhia e fazer diminuir o vosso tédio. Porque se os sábios têm considerado que a comunicação das idéias é uma

das principais medicinas do espírito triste e desfalecente, quanto maior não deve ser o prazer produzido a fala familiar de amigos fiéis nesta **época tão perigosa**, em que não se encontra nem virtude nos homens nem lealdade nas amizades? Portanto pensamos que a nossa companhia será não só agradável e prazerosa, mas também, o que é mais importante: necessária. Porque nós conhecemos os principais dos seus adversários e temos ouvido mediante que traição lhe têm enganado e se não podemos fazer outra coisa, pelo menos o deixando de sobreaviso dos enganos e tretas que maquinam, pensamos ser de alguma ajuda, que nos é muito mais fácil porque conhecemos todos os seus manejos e eles não desconfiam de nós. (p. 11, II).

Já faz vinte anos que sempre tenho estado na corte do Imperador e do rei Fernando, e apesar de não haver expedição em que não participei... jamais houve coisa que me desgostara tanto como esta: que não houvera em nossa língua livros da santa erudição... e a voz de Deus expulsa e desterrada unicamente em nosso país.

Do padre Soto diz: é de nosso país, vem de um lugar muito baixo e em nada se destaca a não ser na superstição, engano e traição.... Segue uma longa transcrição da conduta e da ética do confessor imperial e todas as suas iniquidades. Mas a sentença é definitiva: Tem em suas mãos a consciência do Imperador... considera inevitável – o diz em lágrimas – passar em sangue e fogo os luteranos, insistindo com o Imperador que esta medida é exigência para a saúde da república e para a utilidade da Igreja e dever do Estado, intimidando o Imperador, e que por isso mesmo, tem obtido tudo o que quer e conseguido sua promessa de que fará uma Inquisição contra os suspeitos de heresia até exterminá-los. (p. 19, II)

Mesmo Granvella que ocupa o primeiro lugar no Governo jamais opina de outro modo do que como quer o frade.<sup>18</sup> Depois de ouvir tudo isso, e mais, Enzinas, agradeceu e deu seus depoimentos, mas acrescentou que havia temas mais interessantes para ocupar a todos que o frade Soto, cuja índole e práticas eram consensuais.

Disseram a Enzinas que julgavam imperioso que fosse julgado na Borgonha, e não enviado a inquisição espanhola, cuja preocupação principal era como expropriar os ricos com suas sentenças, se impondo inclusive à vontade do Imperador, tal é o poder que adquiriu a Inquisição, que junto com os frades e o suporte ideológico do escolasticismo, estava estabelecida na Espanha a trinca perfeita por onde a entendamos. Na Espanha não se pode dizer sem punição imediata que os inquisidores estejam enganados. (p. 37, II)

---

<sup>18</sup> circulando oficiosamente que guardam acordo de Granvella não se imiscuir em temas religiosos, e o Soto falar sempre bem de Granvella ao Imperador, e estimular que se prestigie os filhos dele com dignidades reais. Sabe-se que Ganvella foi recusado pelo povo, pela sua condição de estrangeiro, quando indicado para o arcebispado de Valença, e que sua designação, como qualquer outra em matéria de religião, passava pelo todo-poderoso Pedro de Soto, que guardava suas aspirações ao cardinalato e ao pontificado, talvez...

Ser luterano era ser diabólico... e não havia em toda sentença nenhuma outra causa nem razão além de que haviam empreendido a defesa de algumas proposições luteranas, das quais não queriam se retratar. Alguns do povo, e das classes sociais mais elevadas diziam que para esses juizes, ser herege era dizer a verdade. Os métodos de comprar testemunhas, por dinheiro ou com ameaças, suborno, e similares eram regra.

Pelas indicações acima é possível inferir que o protestantismo espanhol teve esta dimensão ambivalente, que foi mais ou menos universal em toda a Europa, de uma composição social dual, tanto em segmentos mais populares, quanto em segmentos mais qualificados do ponto de vista intelectual, social e funcional. Chama atenção o fato do contrabando regular de literatura alemã, o que sugere que havia quem consumisse literatura naquele idioma, o que não deixa de ser significativo.

### **A ação inquisitorial**

Segundo nosso autor, o argumento dos inquisidores se fundava em dois pólos: a heresia, qualquer coisa que julgassem dissonante com a ortodoxia, conforme a entendiam, e a Igreja, qualquer conduta que fosse considerada atentatória, desonrosa a tradição eclesiástica. Mas, afirma Enzinas, que entre as classes mais instruídas eram muitos os que reconheciam a fragilidade destes argumentos, não se conformando aquela doutrinação, mantendo-se silentes por motivos óbvios, de escapar as penas. Havia ainda a prática execrável dos espias distribuídos pela inquisição, alguns deles no próprio ambiente doméstico da vítima de suspeição.

Os próprios ministros da igreja foram muitas vezes objetos de penalização. Constituíam prática o anúncio público de que alguém era suspeito de heresia, a fixação na porta das igrejas de avisos para que se apresentasse. Os que não concorriam a isso, eram declarados publicamente hereges contumazes. Desta condenação não havia recorrência. Os condenados publicamente eram tratados como párias porque o vínculo ou a ajuda ao condenado, atraía sobre seu cúmplice também sanções. Os ministros, um já septuagenário, colocaram-se em fuga para garantir a vida. A tudo se dizia fazer segundo as leis do Imperador, afirmando pretender defender o rebanho do nosso senhor... e a salvação da república. Adotar teses luteranas era uma ação contra o bem público.

A igreja e as monarquias católicas colocavam num Concílio Universal as suas esperanças de restaurar a unidade universal da cristandade. Nisto não rivalizavam Francisco I e Carlos V. O Imperador espanhol sabia que o apoio de Francisco I na França, se

condicionava a extensão dos interesses da casa de Áustria, razão porque a manutenção dos Países Baixos era importante.<sup>19</sup>

Diz Lovett que “o estabelecimento da paz religiosa na Alemanha continuou sendo a principal preocupação do Imperador durante toda a sua vida de adulto... e tem uma relação direta com a história da Espanha” (LOVETT, 1989, p. 51). Lutero no início parecia ser apenas mais um agitador de massas, somente depois de quase dez anos se percebeu a constituição de um novo “partido político confessional” dentro do Império. Entre 1517 e 1526 o luteranismo já estava sob condenação imperial e papal. Todavia Dieta de Spira, em 1529, conjugava cinco príncipes territoriais incluindo o eleitor de Saxônia, além de quatorze “cidades livres” do Império, não era, portanto, possível ignorar o movimento reformador.

O Papa era mais radical banindo “formalmente” os luteranos do território do Império, mas Carlos V ainda apostava na diplomacia, não sendo totalmente contrário a “algumas” teses reformistas, porém, as Dietas de Augsburgo, em 1530, e Ratisbona, em 1541, poriam uma pá de cal em seu sonho de unidade religiosa.

As atividades bélicas constantes contra turcos, otomanos, fazia Carlos V dependente do apoio dos príncipes que haviam aderido ao protestantismo. Carlos V já entendera em Ratisbona que religião e política estavam atreladas, porque Felipe de Hesse e João da Saxônia não representavam só o luteranismo, mais o interesse de maior independência dos príncipes territoriais.

O imperador ainda tentou impor-se aos príncipes luteranos que não se dispunham ao diálogo, agora associados na Liga Esmalcada. (Cf. LATOURRETE, 1967; MUIRHEAD, 1963). A campanha – que incluía tropas espanholas – em 1546 e 1547 levou a derrota da Liga e Carlos V se imaginou vitorioso. Mas o Concílio de Trento operou contra ele, pois os representantes luteranos só chegaram na segunda parte do conclave, quando já se aprovara as questões que mais importavam aos luteranos. (Cf. WHALE, 1967), e não se fazendo representar reafirmava-se a dissidência.

Carlos V queria que a restauração religiosa, trouxesse a restauração política com a Liga dos Príncipes sob seu comando. O Papado estava desconfiado da acumulação de poder pretendida pelo Imperador. Entre os príncipes alemães católicos não havia interesse em fortalecer os habsburgos como se impôs na Dieta de Augsburgo. A vitória sobre a Liga

---

<sup>19</sup> Importante sentimental e comercialmente, mas sabia também que o cardeal de Toledo, Juan Pardo y Travera, e seus aliados preferiam ver a Espanha voltada ao norte da África. A política imperial sofria ainda a pressão do Duque de Alba que via nos Países Baixos apenas uma forma de drenagem dos recursos que poderiam ser investidos no estabelecimento num bloco espanhol compacto no Mediterrâneo ocidental.

Esmalcada não trouxera os dividendos pretendidos. A religião continuava seccionando o Império.

Segundo Bejarano “Inúmeros foram os hereges conversos atemorizados com a fiscalização eclesiástica. Multiplicaram-se as prisões até o ponto de se encher as cadeias, apesar do grande número de fugitivos”, e conclui: “Com tal zelo agiram os inquisidores nos processos, que em 04 de novembro do mesmo ano que se estabeleceu o Tribunal, iam já ser queimadas duzentas e noventa e oito vítimas só em Sevilha” (BEJARANO, 1927, p. 101) (grifo nosso). Em que fontes, ou em que ausência de fontes se baseou Kamen para referir a “menos de uma dezena” de vítimas da inquisição espanhola, cremos que nunca saberemos, o fato é que os demais investigadores parecem ser muito mais realistas.

Espinosa y Carcel chega a afirmar que “os hereges que se encarceraram foram quinze mil, dos quais se queimaram mais de dois mil”. Tamanha foi a ferocidade dos que o próprio Papa Sixto IV ameaçou revogar a Bulla e tomar para o papado a jurisdição da inquisição na Espanha, porque não “se ajustavam a regra do direito”, e para o bem ou para o mal foi Tomás de Torquemada a quem nomeou para reorganizar o funcionamento da inquisição espanhola. Depois, o mesmo Bejarano afirma que “mais de 2000 hereges haviam perecido nas chamas, antes que se iniciasse na Espanha o movimento reformista”. (BEJARANO, op. cit. p. 102).

Como se verifica, em Castela, por exemplo, os protestantes guardavam condutas diferenciadas ante a inquisição. Muitos tentaram a retratação, e não conseguindo, enfrentaram as chamas. Mas entre os castelhanos não se encontrou nenhum teólogo, uma liderança mais expressiva, e a convicção de muitos se esvaia ante as ameaças das sentenças da inquisição. “E dissemos que antes de 1530 o protestantismo estava, todavia, em uma fase incipiente, porque a ação da inquisição até esta data só originou um total de 06 processos contra luteranos”. (CARCEL, 1983, p. 213). Mas todas as etapas do Santo Ofício estiveram marcadas por este modelo operacional, a rígida censura sobre o protestantismo.

Desde 1521, esta preocupação levou o Papa Leão X a escrever ao Condestável de Castela, para instar junto ao Imperador e a nobreza a recolher e destruir as obras de Lutero, e luteranas por extensão. Quase vinte anos depois, em 1539 o Papa Paulo III, dotava de plenos poderes o Inquisidor Geral Juan de Travera e “seus sucessores”, para agir com rigor contra quem possuísse e contra leitores de obras protestantes, no que foi seguido pelo Papa Paulo IV, revogando todas as licenças para leitura dos livros heterodoxos “para a segurança das consciências”.

Este problema de fato era anterior, e foi matéria de extensa correspondência entre a Coroa e o Papado, porque a prática de Roma era oferecer a licença para certa literatura, às

vezes até com a intenção de que se elaborassem outros tratados contra os livros protestantes, e a preocupação espanhola tornou-se aos olhos do papado também, de evidente gravidade. Exemplar é a consulta do Conselho da Inquisição na Espanha ao Imperador:

Senhor, temos percebido que muitas pessoas seculares e outras de pouca capacidade, têm recebido licença de Sua Santidade para ter e ler livros proibidos, de condenada doutrina, escrito também por heresiarcas, e para isto fazem ignorar ao Inquisidor Geral e ao Conselho que conhecem os sujeitos e as pessoas a quem se pode dar, e que tem experiência e em que isto convém, o que é de grande inconveniente e de onde podem surgir danos irreparáveis de grande ofensa a Deus e ao serviço de Vossa Majestade. O conselho suplica que V. Md. Se sirva mandar escrever a Roma a seu embaixador, que faça instância junto a Sua Sd. para que não conceda a pessoas destes reinos as tais licenças, e os que as pedirem, remeta-as ao Inquisidor Geral e a este Conselho, aonde com santo zelo e justificativa, se procede em tais matérias, e, no entanto, nos tem parecido necessário recolher por Editos e censura a quantas licenças se deram e se permitiu ler quantos livros proibidos. Damos conta disto a V. Md. Para que mande o que mais for conforme o seu real serviço. Em Madrid, 18 de janeiro de 1627. (apud. LLORRENTE, op. cit. p 70 v. II)

O Imperador agiu e em agosto do mesmo ano o Papa Urbano VIII, revogou todas as licenças, facultando ao Inquisidor Geral da Espanha a punição dos eventuais recalcitrantes. No mesmo ano, em dezembro, o Cardeal Milino concedeu ao Inquisidor Geral a faculdade de conceder licenças para as pessoas que se dedicarem “a escrever contra os heréticos”, mas com o acompanhamento do texto que se produzisse pelo Inquisidor Geral.<sup>20</sup>

Andaluz, Sevilha e as Canárias eram os pólos mais problemáticos, pelas suas condições geográficas, suas relações comerciais e seu caráter cosmopolita. Informava o Inquisidor de Sevilha: “Tenho em minhas mãos muitas bíblias de Roberto Estephano e de outros hereges...” e dentro da confusão com o erasmismo mencionada, concluía: “... especialmente por parte de Erasmo que não deixo nenhum que alguém tenha à mão”. Tirando o rigor e a confusão, a figura de Erasmo era descrita: “não é herege, mas escreveu muitas heresias”. (p. 83).

Da presença estrangeira regular na Espanha por várias razões, sobretudo, comercial, e que se estabeleceram os tratados, como o da Inglaterra, no qual o Rei fez constar nos termos do acordo que, porquanto,

[...] o direitos do comércio, que se seguem a paz, não devem resultar infrutíferos, como o seriam se os vassallos do rei da Inglaterra que vão a vem a os reinos e domínios do rei de Espanha e neles se detém por motivo de comércio e negócio (et ibi ex causa commercii velnegotti moram trahunt) se

---

<sup>20</sup> Havia uma divergência posta, porque muitos responsáveis pelos órgãos censores consideravam que as obras não religiosas (medicina, direito, literatura) de acatólicos, não precisavam sofrer restrição. Os outros entendia que a identidade protestante do autor bastava para a censura.

lhes causara moléstia por razão de consciência; portanto, para que o comércio seja sem perigo, assim por terra como por mar, o Rei de Espanha cuidará que pela referida razão de consciência não sejam molestados nem inquietados... sempre que não dêem escândalo a outro. (apud. ORTIZ, 1988, p. 185)

A “ferocidade” reiterada da inquisição pode ser compreendida pela necessidade de mostrar a Coroa sua eficácia e também pelo desenvolvimento da dissidência religiosa. Os grupos heterodoxos deveriam ser exterminados, e feito maior esforço de proteger o país da influência de idéias estrangeiras, principalmente os impressos.

A inquisição não se acomodou com os termos do acordo, e Felipe III deu uma interpretação mais ampla aos dispositivos, afirmando que os súditos ingleses não seriam molestados pelo que tivessem feito antes, de chegar à Espanha, e não pelas ações em território espanhol, como fixou em decreto de 16 de junho de 1605. A inquisição também afirmava que o acordo somente referia aos ingleses em trânsito, não se aplicando aos que fixavam residência em solo hispânico. Os termos do acordo se repetiram em tratados com a Holanda, e os estrangeiros foram perdendo o medo da Inquisição, e chamavam cada vez menos atenção pela sua confissão religiosa. Se a política de Felipe III foi manter a paz no cenário internacional, Felipe IV seguiu seu caminho.

Inevitavelmente houve adesões ao protestantismo entre os espanhóis, resultante muito mais do convívio com estrangeiros do que de uma eventual atividade proselitista destes, cujos tratados continuaram por muito tempo. Assim também, importa registrar que os níveis de tolerância em relação aos protestantes diminuía na medida em que se caminhasse ao interior da Espanha.

Por isso, falar em ortodoxia na Espanha não é somente referir a confessionalidade religiosa, mas a “ascendência ortodoxa”. “Eram estes homens, sumamente influentes na igreja, as ordens religiosas e a inquisição, os que haviam tomado em suas mãos os destinos da Espanha na década crucial de 1550-1560”. (ELLIOTT, op. cit., p. 240). O regime mais rígido instaurado por Ricardo Valdés em 1559 se flexibilizou com sua substituição pelo Cardeal Espinosa, refletindo na cultura espanhola como um todo. Foi Felipe II quem mandou o professor Arias Montano, que residia em Flandes desde 1568 elaborar em Amberes uma versão espanhola da bíblia poliglota do Cardeal Cisneros.

Ainda se mantinha entre os tradicionalistas as restrições aos religiosos que tiveram contato com estrangeiros. Carranza perseguira os hereges, mas mantivera conato com o Dr. Cazallas no exterior quando vivo. Cosmopolitas e nacionalistas; aristocratas e plebeus, assistiam uma outra disputa: entre Felipe e o Papado.

Felipe II considerou a inquisição uma questão muito séria para ser deixada não mão do papado. Assim a heresia, seu controle e a coroa estavam sob sua jurisdição. Queria que os acusados, fossem processados pelo tribunal espanhol. A reação do Papa foi contrária. A disputa só enfraqueceu a contra-reforma na Europa, na Espanha em particular. Felipe precisava do prestígio papal na Europa, o Papa precisava da força militar espanhola. Felipe optou pela repressão nos Países baixos com a tese que “Onde quer que haja um calvinista, há uma subversão da ordem estabelecida”.

A face mais grave do problema felipino parece ser que o protestantismo se instalava na Catalunha, pois o principado possuía características que lhe sugeriam como um “segundo Países Baixos”: tradição de independência, leis, privilégios e aversão a Castela agravado pelas diferenças de língua e cultura. “Espanha, que se havia rodeado de tão poderoso aparato defensivo frente ao avanço protestante, se via agora ameaçada em seu próprio interior, e o perigo não procedia como se esperava, dos protestantes, e sim de outro velho inimigo: os mouros”. (ELLIOTT, op. cit., p. 252).

A religião espanhola do princípio do século XVI seguia sendo essencialmente da baixa idade média: uma combinação despreocupada de teologia vaga e prática irregular, com grande importância dos ritos locais e da religião popular. Em distritos remotos como Galícia, Astúrias e Navarra o problema era crítico... “Em dezembro de 1560, em Pamplona, um bispo se apercebeu que muitos dos seus clérigos eram tão analfabetos, que nem sequer sabiam dizer a missa, e o problema não se limitava a comarcas montanhosas”. (KAMEN, op. cit., p. 291, 296).

O processo inquisitorial sempre esteve mais preocupado com a palavra escrita. As afirmações de Kamen, que “nestes anos [1540-1614] o único problema religioso com o qual se enfrentou a inquisição foi o dos mouriscos...” que caíram nas mãos da inquisição – sendo que sendo que 5,45% eram judeus e 7% protestantes, - e que “se queimou menos de uma dezena de espanhóis por protestantismo” uma vez que a maioria era estrangeira, não se executando mais que 15 dos detidos pela inquisição incluindo a América, não parece ter a menor sustentação em qualquer fonte documental e bibliográfica,<sup>21</sup> por isso mesmo toda a sua leitura merece cuidado.

Não se pode considerar que havia vigente qualquer rito processual que fosse rigorosamente cumprido. Os considerados criminosos, por crime de heresia, muitas vezes nem eram interrogados, não havia necessidade constituir prova ou coisa do gênero, e a tortura era

---

<sup>21</sup> Notadamente a investigada pelo autor deste trabalho, conforme indicado no texto.

prática pedagógica. Foi determinado que qualquer literatura não autorizada fosse entregue aos censores. Os “julgamentos”, ou as sessões para a pronuncia das sentenças são descritas por Enzinas..

Ditava á frase popular que na justiça era “mais fácil achar razões pra punir um justo do que um pau pra dar no porco”, e Enzimas se refere fartamente a episódios que justificavam tal assertiva, e descreve o sistema como leis ímpias e contrárias ao bom senso humano, e que esta era a regra na cristandade e porque ante estes “juizes” não há alternativa eficaz para a prevalência da justiça, não havendo limites quando querem abusar das leis humanas e divinas, mesmo que tal conduta seja hoje reprovada por muitas pessoas de doudas e de grande autoridade.

As execuções tinham o caráter de espetáculo. As penas capitais que não implicavam em queimar vivo o condenado eram consideradas gesto de misericórdia, sendo alguns estrangulados antes de ter o corpo queimado. Narra numa condenação sumária de três protestantes em que o homem foi decapitado no dia seguintes, as duas mulheres foram enterradas vivas aludindo-se a lei do Imperador que manda agora que não se perdoe nenhum luterano.

Por isso o registro do seu encontro Gilles um prisioneiro atípico, cuja condenação não redundou em sentença de morte imediata, pois a reação popular era imprevisível. Protestante, disse logo a Enzinas: “estás preso pela mesma causa do evangelho pela qual suporte a prisão há oito meses...” e completou “... sendo os espanhóis de espírito tão agudo e sutil, mas obstinadamente contrários a Palavra de Deus, e muito apegados as tradições humanas, chego a pensar que não há esperanças”.

Para Enzinas a prática destas tiranias eles se cobrem com o nome do Imperador – que nada sabia, já que todas as iniciativas eram oriundas do Procurador Geral, como dizia:

[...] aqui constituído pela majestade imperial para fazer justiça... A lei do Imperador, a fim de que não ignoreis, exige que aquele que tenha sido preso como luterano uma vez, e havendo sido perdoado reincidir depois em sua heresia, e outra vez capturado, sem outra forma de processo seja queimado. (p. 50).

Portanto, nesta seção final se constata também que, em geral, a Espanha, embora não gostasse, admitia como necessária a inquisição, em casos específicos. Somente aragoneses e andaluzos formalizaram suas restrições, porque entre os aragoneses era um fato inusitado. Em Andaluzia se disse:

Como poderia suceder que algumas pessoas sábias, bolinaram e quiseram promover escândalo na cidade, para impedi-los vos mandamos esta nossa

Carta, na qual mandamos que não consintais que pessoa alguma seja qual for o seu status ou condição, não promova inquietação, escândalo, nem alvoroço sobre o dito. E mesmo se algum se fizer prender os corpos e lhe tomais todos os bens. Em Medina do Campo, 03 de maio do mês de outubro de 1840. Eu a Rainha. (apud. BEJERANO, op. cit. p. 114)

Dissemos antes que quando se soube que Gilles fora transferido de prisão acudiu grande multidão dos habitantes para vê-lo e os principais da cidade lhe enviaram todas as suas necessidades. Seiscentos guardas foram providenciados pelo aparelho inquisitorial uma vez que temiam que se o levassem ao lugar de costume, para ler a sentença, os cidadãos o libertassem pela força. (p. 119). Muitos desses cidadãos tinham parentes nos cárceres, e no caso, Giles, após a sua cremação, vários soldados recolheram suas cinzas para conservar como relíquia.

Granvella disse a Enzinas que ele precisava ser contido (na visão de Soto) porque senão iria luteranizar toda a Espanha, e suas opiniões atraíam cada vez mais pessoas. A leitura do seu Novo Testamento traía infinitas desordens, apartaria a um milhão de almas da simplicidade da fé, e até que todo mundo menosprezaria a religião. ...com suficientes testemunhos se provaria mais de cinqüenta heresias contra ele. (p. 152). Reforça a nossa tese que a população estava vulnerável a influência protestante.

A estratégia é colocar sob vigilância os mais ricos, letrados e tendentes a posição de autoridade, inventam delitos ao seu prazer. As práticas que transpunham as regras penais passavam pela execração pública, confisco, etc... tudo em oculto, por emboscadas, com enganos e por decisões secretas e clandestinas... não há nenhum de nós que não conheça a Alfonso de Valdez... se tivesse voltado a Espanha teriam acabado com ele... nem mesmo o imperador poderia tê-lo salvo (40). Enzinas diz que não quer apenas ficar lembrando os amigos que perdeu, mas lembrar virtudes e começa com Pedro de Lerma e Francisco de San Roman seguindo descrições análogas de outros na confessionalidade e no destino.

### **Considerações finais**

Esta investigação nos permite chegar a quatro conclusões principais. A primeira que o domínio espanhol dos séculos XVI e XVII buscava sustentação em fundamentos de natureza ideológica, sobretudo, pelo aparato axiológico oferecido pelo cristianismo medieval, sendo o braço militar um, entre outros instrumentos deste controle. Este fato deriva-se da concepção da monarquia como fonte da ordem e da estabilidade social, centrada na figura do monarca,

fragmentada em função de dada conjuntura com o aparato burocrático do estado distribuído entre os cortesãos.

Segundo, a quebra da hegemonia ideológica espanhola, aberta com a fissura no seu elemento mais expressivo, a religião, resultado da eclosão do movimento de Reforma Protestante e sua penetração nos domínios espanhóis, trouxe iminente ameaça à Ordem Social que se pretendia construir, associado com outras variações no plano das idéias, notadamente o pensamento erasmiano.

Terceiro, o protestantismo se instala na Espanha como um fato irreversível. Os instrumentos utilizados para inibir essa penetração não trouxeram os resultados desejados. Importa afirmar que este protestantismo era marcado por um ecletismo em sua composição social, atraindo pessoas do povo até expressivos intelectuais do período. Da mesma forma importa estabelecer que a perspectiva original era de mudança no modelo de experiência e vivência cristã, sem nenhuma contestação à ordem política, com submissão ao ideário que sustentava a monarquia.

Finalmente, inevitavelmente a esta ameaça a quebra da hegemonia, os dois principais agentes do Estado, o governo e a igreja responderam, numa proporção por vezes superior ao risco que representava. A literatura, mais que o proselitismo foi objeto de ação incisiva contra a inovação sócio-religiosa, fato que não se restringiu ao domínio espanhol, conforme se verifica na Experiência da instauração do protestantismo em toda a Europa.

Assim sendo, mesmo fragmentando diversas unidades territoriais, e assim favorecendo a emancipação de elementos da nobreza em relação à centralização do Poder, o protestantismo teve este efeito como uma derivação, embora sempre representando a monarquia como legítima e necessária.

## **Referências**

BEJARANO, Mário Ménéndez. *História da filosofia em Espana*, Madrid, se, 1927.

BERIGER, Leonard. *História da literatura alemã*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1971.

BIELER, A. *O pensamento econômico e social de Calvino*. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1990.

CROSS, F.L.(Editor) *The Oxford Dictionary of the Christian Church*. Great Britain, Oxford University, 1974.

D'AUBIGINE, J. H. *História da Reforma Protestante do Século XVI*. São Paulo Casa Editora Presbiteriana, s.d. v. II. (6 volumes).

DIEKHANS, M. *Hereges e Heresias*. Bahia: Mensageiros da Fé, Ltda. s.d.

ELLIOT, J. H. *A Espanha imperial. 1469-1716*. Esnhana: Vicens Vives, 2005.

GONZALEZ, Justo L. *Uma história ilustrada do cristianismo*. São Paulo: Vida Nova, 1980. v VI (10 volumes).

JEDIN, H. *Manual de História de la Iglesia*. Barcelona, Herder, 1972.

LLORENTE, Manoel de la Pinta. *La inquisicion enpañola y los problemas de la cultura de la intolerância*. Madrid: Cultura Hispânica, 1958.v II.

LATOURETTE, K.S. *História del Cristianismo*. Buenos Aires, Casa Bautista de Publicaciones, 1967.

LEONARD, E-G. *História General del Protestantismo*. Madrid,. Península, 1967. (4. volumes).

MARROU, H. & DANIÈLOU, J. *Nova história da Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1984. 4 v.

MEHL, R. *Tratado de sociologia del protestantismo*. Madrid, Studiun, 1974.

MENENDEZ Y PELAYO, Marcelino. *História de los heterodoxos espanoles*. Madrid: BAC, 1956. 2 v.

MUIRHEAD, H. H. *O Cristianismo Através dos Séculos*. Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista, 1963. V. II.

ORTIZ, Antonnio Dominguez. *História de Espanha. El gantiguo regimen: los reys católicos y los Ástrias*. Madrid: Alianza Editorial, 1988.

SALVADOR, J. G. Ênfases fundamentais da reforma do sec. XVI. *O Catolicismo romano: um simpósio protestante*. São Paulo, ASTE, 1962.

SANTOS, João Marcos L. & RODRIGUES, Aldair. *Entre o império universal e o Império ultramarino: Habsburgos na Espanha*. São Paulo: se, 2008. mimeo.

SENARCLENS, J. *Herdeiros da Reforma*. São Paulo, ASTE, 1970.

STTOL, H. *O pensamento da Reforma*. São Paulo, ASTE, 1973.

VILA, Samuel. *História de la inquisicion e la reforma em Espanha*. Terrassa: CLIE, 1977.

VV. AA. Disponível em [www.encyclopediacatolica.com](http://www.encyclopediacatolica.com). Acesso em outubro de 2007.

VV. AA. Disponível em [www.cer.com](http://www.cer.com). Acesso em outubro de 2007.

VV. AA. Disponível em [www.wikipédia.com](http://www.wikipédia.com). Acesso em outubro de 2007.

WALKER, W. *História da Igreja Cristã*. São Paulo, ASTE/JUERP, 1980.

WELCH.C & DILLEMBERGER, J. *O Cristianismo protestante*. Buenos Aires, La Aurora, 1958.

WHALE, J. S. *The protestant tradition*. New York, Westminster Press, 1967.

ZILLES, U. A modernidade e a Igreja. *Teocomunicação*. 22 (96) 179-202, Porto Alegre, 1992.